

7 Poemas
Diogo Costa Leal

--

carta filial

*{ao Afonso Correia
para 2037}*

vai, vai meu amor, vai e voa
voa e se possível, pelo caminho
ouve como as nossas histórias dançam e sangram
e depois se lavam descalças em cada morte
para te poderem beijar,
pelos teus olhos e pelo teu silêncio
e criar em ti um sopro de ar, um tremer,
no teu mar
para que a beleza, o amor sem gradiente
esse grande real sentimental
nunca deixe de abrir em ti
o sabor do momento global
que és
sem costas, só asas, como anjos
cujo derradeiro sentido
é sentir
(e não lembrar)

por isso
praticando
é importante continuar a perguntar:
¿quem amamos nós agora?

¿quem Amamos nós agora?

e tu respondes
com o ouro da infância
que rezo que sempre te perdue:
'mas o que tu estás a dizer
Isso já passou, então já não existe'
(não existe, mas trouxe)
e tudo morre.
mas o sangue corre
(é ele que te traz)
e tu ainda aqui estarás
de asas abertas
nas tuas mãos

*versão de poema do livro
"No Princípio era a Nudez" (2017)*

asa-barco-casa:

{à Kobu}

fazer Amor
sobre todas as formas
é isto
- esta nudez plena
de ciência infância bondade
um do outro - um no outro onde
amantes e amáveis
eternos incorruptíveis e poéticos
são os parágrafos ancestrais da paixão
que inauguramos em amor alimentado
em cada encaixe
das nossas aberturas

e os travessões comunicantes
entre as suas ranhuras
escrevem no sangue do tempo
a mais coerente suculência
do presente do movimento,
os espíritos silentes
leitores contentes dos próprios corpos
no território nobre e secreto
do paraíso desperto,
o Amor
na sua primeira acústica:

poder gemer

e em simultâneo
criar e ser
a Música

versão de poema do livro
“No Princípio era a Nudez”(2017)

movimento 1, concerto número -1, tempo 0

lembro-me
daquela idade de menino
em que meu pai,
face e ternura encostadas sobre o minúsculo bebé e seu berço,
os dois de olhos bem cerrados
concentrados
naquelas melodias de vinil
música clássica
lírica
diluía-se pelos poros e pela calma daquela união musical
os dois dançando juntos
quietos
o menino sorria interior
o pai segurava a mão pequenina do filho que tocava no
colchão no chão na casa
um ambiente violinos a orquestra harmónica da ternura
e da viagem o piano emparedado nos sentidos a interrupção
e mais teclas de piano tocadas em improviso decrescente
crescente crescente ente ente cresce expoente mente
contente sorridente pertinente
a valsa
tem início
a batuta plana sobre o palco distante da casa os sons cruzam-se
no mito das pausas e em lendas de contemplanções exclusivas
rodopiam de novo as notas rodopiam soltam-se subindo
ao cimo do expoente da loucura do cosmos que sente rodopios
que mergulham de novo no piano pausado e ritmado por
demais instrumentos interligados em toda aquela sinfonia

ampliada pelo pianista que toca depressa ou

len

ta

men

te

fundindo mãos ao instrumento saltando do banco quando
cada nota se lhe assemelha à natureza para além deles
os dois salta e treme da cabeça ao ouvir a sua própria força
nas teclas e nos sons que delas saem
geme o pianista geme com o que ouve e o maestro espanta-se
com tamanha paixão do músico música tão boa música a flauta
embala o piano e o violino acolhe-os com clarinetes miudinhos
de consonâncias de mais sopros de coros presentes por ali
os dedos do pianista dançam pelas teclas brancas e pelas pretas
e pelas brancas dançam e de novo nas pretas o público engole
em seco e responde com suor na testa e amor no coração em
ternura à contemplação que os satisfaz sem explicação sem
querer finalização
o público deleita-se com todo aquele êxtase de sons tão bem
concebidos entre si mesmos por si mesmos num só
o público à toa calado e penetrante ao acto e os braços do
maestro rodam e rodam
rodam e sem parar à medida que toda aquela grandiosa melodia
sobe de ritmo de intensidade de notas tão valiosas e tão bem
tocadas à melodia de um calor o calor sobe, o suor desce e cai
no soalho do teatro e do palco até que novos instrumentos
soam donde parecia não haver mais surpresas o brilho dos
instrumentos a percussão tão abrupta e delicada como toda
a consonância que entoa naquela fusão salteada e mista de
infusão de borboletas

borboletas que voltam são os dedos do pianista na obra prima
a obra prima! a obra prima da fusão do amor com ser e natureza
no instante em que acontecem todos num só
a obra-prima todos os instrumentos a obra-prima, todos os
fôlegos e respirares de harmonia sobre a sinfonia
vem a música leve a música quieta e longa a músi-
ca sobe cai sobe de novo movimento alpinismo na falésia das
harpas e das guitarras a sincronia telepatia admiração
coerência benevolente solidária misericordiosa pompa
pompa com circunstancia
o pai abre os seus olhos à superfície do berço
e beija o seu filho
já dormindo

poema do livro
“Voz Alta” (2018)

*

Hoje tiveste um tecto sólido sobre a tua cabeça
E comida no prato
E um afecto a favor do afecto
Ainda que só o teu
E um hospital onde não estás
E um espelho que gosta de ti
Hoje algo se iluminou no teu sangue
pela notícia boa sobre alguém de que gostas
E pelo obrigado após a amiga mão que ofereceste
ao deixar de ser estrangeiro
E há água fresca na torneira de casa
E vinho na garrafa e boca para beijo e corpo despido
entregadamente para a intimidade
Ainda que às vezes só na memória ou no poema
E amor onde abrir os braços
Mesmo quando te espreguiças
E solidão que aprendeste a respeitar
E um cheiro dulcíssimo a que regressas sempre
Como o protetor solar a caruma a erva molhada
E silêncio que gostas de ouvir
E música redentora por toda a parte
E relva sobre que descalçar os pés
E mar sobre que boiar o pensamento
E ar avião sobre que voar o sonho
E horizonte onde estender o alcance
Hoje há uma criança que se acende quando olha para ti
mesmo que não te apercebas
E Alguém a perguntar por ti
Mesmo que não oiças
E alguém a quem mudaste alguma direção

Mesmo que não tenhas olhado para o retrovisor

Hoje perdoaste algures no tempo

Algum tempo tropeçado

E reparaste em paisagens bonitas lá fora

E há roupas dobradas dentro do armário

E nem sempre tens trocos para tudo

Mas bolsos onde sentir as mãos

E Ar vivo a brincar à vida dento dos pulmões

E um baloiço onde cabes sempre

E um coração que ainda não parou

De te levantar em frente

Hoje tens uma colher na boca

Para o sentido da vida

E Ainda te queixas?

*

E as várias cores de luz e sombra na dança que abre as cortinas

E ajoelhar-me para ficar à mesma altura do afaga-céus de um bago de cerejas só pela textura

E abraçar um gato com as mãos bem abertas para que o amor não fuja

E olhar o retrovisor de um carro e ver mil imagens de vida disparadas por segundo e sorrir por isso parecer um espelho sincero e mergulhável para a constante das nossas metamorfoses

E tremer muito no frio e ainda assim tocar as saliências de beleza feitas pelo nevoeiro

E olhar a minha cara num reflexo e rir-me pelas caretas possíveis nas rugas rir-me por ser possível além de por dentro o corpo rodear-se de água sem ficar molhado rir-me por amar-me muito e não ter medo de o dizer até cantar para mim mesmo porque a natureza nunca faz pouco de nós

E ver pássaros em forma de ranhura na estrada e onde pousaram prolongar-lhes um ninho através de fruta entre-lábios

E afagar o dorso de um cavalo o queixo de um gato a superfície do mar o exterior das pétalas os pormenores da pele de quem se ama, e sorrir muito por não querer metáforas que caibam para essas perfeições incorruptíveis

E dar banho a quem se ama e sentir rios cristalinos por cada ângulo do grande corpo sensorial, precisamente por ser quem se ama

E acariciar o próprio pé direito com o próprio pé esquerdo enquanto se descansa

E coçar a barba com a língua

E poder apreciar o cheiro intenso do próprio suor (comum a todos na glândula, apenas não tanto no seu gradiente de família)

E no meio claro dalguma solidão saboreada sozinho ou em companhia, ler um livro de poemas em voz alta a conversar os versos doutros comigo mesmo e gostar de poder gostar disso mesmo

E na mesma solidão clara (solidão igualmente algo comum à glândula da humanidade mas não comum no seu gradiente de família) poder gostar de abrir um piano e desconhecedor de pautas e escalas poder dançar em cada tecla no improvisado criançado

da descoberta dos dedos a segurar o prazer nas orelhas, mesmo nas desafinações,
mesmo nos momentos indeléveis de silêncio que servem só para criar espaços entre a
ampliação das intensidades

E gostar de correr a galope com uma criança no meu dorso a fazer de animal que é o
mesmo que dizer ser o presente e correr pelo jardim afora sem amanhã que é o mesmo
que dizer pelo coração adentro agora agora agora

E deitar-me aconchegado numa praia toda
doce, a praia toda

por se estar abraçado a quem se ama e nos ama de volta

E trepar as árvores e abraçar um tronco agradecendo a presença a raiz os oxigénios e as
telas pilares dos poemas

E colocar dois grandes búzios no lugar dos ouvidos e nesses fones de sentida-geração
poder fechar os olhos e abri-los risonhos porque nenhuma voz responde, nem a interior,
mas só corpo só espírito

E fazer um desenho animado com folhas de outono e brincar com a primavera por
termos chegado mais cedo

E utilizar os lápis de cera só pelo cheiro bom

E pôr protetor solar no inverno da pele para que o cheiro deslumbrado do verão da
infância não nos abandone

E gostar do som crocante que as maçãs fazem ao ser trincadas e as ameixas só pelo
rasgar da pele

E ouvir uma música que se gosta muito e abanar o corpo todo em sintonia porque ela
está a compor-nos também a nós, inclusive em música

E fazer amor com quem se ama e agradecer às galáxias todas ao tempo todo o tempo
todo

E amar o sabor do grande real disso poder incluir numa só substância partilhada todas as
pequenas grandes coisas de que se gosta e fala nos poemas numa só substância
partilhada

E olhar olhos nos olhos frente a frente as essências bonitas e dizer-lhes

- raios te partam

para todo o lado bom

por não caberes

Tal Como és

em poema nenhum

*

¿Lembras-te bem?
ouves ainda
as nossas gargalhadas em chamas
podando pragas para banquetes
a praia sobre os telhados
a guardar planetas pelo silêncio
o incandescer da bicicleta natureza
estrada fora
com derrapagem forçada do tempo
pelo tempo
só para sentir a cor fresca
do ar
e inventar palhaças caras para as cicatrizes
acompanhar de assobio
o pular sorrateiro dos pássaros
e oferecer pedras para equilibrismo
na cabeça das estátuas
fixar as pupilas no arco-íris
da grande dilatação entre as borboletas
e dançar de mãos dadas com os animais
e infinitar qualquer coisa
que comece com
“finalmente chegaste”
e peito a peito para dar novo pulmão subinte
à beleza da montanha
e ombro a ombro até cair de rir o superior
e tirar pedaços de terra
para criar um vaso no cabelo
e roubar uvas figos laranjas maçãs
e deixar o caroço na terra
como pedido de desculpas

e colar duas carapaças de caracol nos olhos e dizer que
aquilo sim é que é ver sem rugas
e aprender a arrotar perfume pelos versos
para dar os versos ao cozinheiro
para lhe agradecer o jantar

polida bondade
Ahh a amizade
conheço-te
porque te aceito

*

a grande beleza está nos olhos de uma cabeça grávida de um não pensamento absoluto. há pérolas da boca para fora e veneno no cume dos rótulos. um gato pede festas com a pata porque a esperança viva é a primeira prática da inocência. acerca das cercas não se pula nenhum abstracto. o cacto pica. pensamento é desintacto. a ignorância é a mãe de todas as descalciências. a bom entendedor qualquer beleza chega. ter medo é sangue. cair às vezes no medo é seringa. cair sempre no medo - não é.

a carne não é fraca a carne são só as asas na luta de caber nas costas.

o espírito fala nas lágrimas da alegria e nos grandes assentimentos do silêncio e o seu livro sagrado está sempre a derreter as escrituras. vida é fogo é ficha é fria é lânguida é tranquila é candeeiro de relâmpago para chover artérias entre línguas somadas Vida é escombro com orquídea por cima É placenta comida para próprio êxtase É luxo de agóras É a tocha silvestre a acender nas mãos a bacia segurada com paixão com amor Vida são corredores de espelhos turvos para os olhos das ideias feias por só repetidas Vida é músculo é câimbra É cartilagem É osso na boca do que ladramos É vassoura solitária que no fim apanhará tudo isto Vida é também o luto pesado demorado com retroactivos e é também a criança A vida quando é a essência musical de dar nomes a tudo sem correntes só a onda no momento da crista maravilhada Vida é também desamparada urgente cáustica rústica prostituta Mas também é o barco a ponte também amparada Dádiva no palheiro da agulha ampliada Arco-íris para a meteorologia do sorriso da cara inteira Acaso como um semáforo avariado a bem do verde contínuo de existir Vida é bola de cristal ao deus não dará para nada a não ser tu com as tuas próprias mãos nuas dançando sempre com a tua própria vida vestida Com decote à frente e com decote nas costas para o amor de a queres despir - em família. Vida com claridade é o entendimento sem um tratado. e agora paro. olho lá para fora. um pássaro pousa natural na varanda. olha para mim. olho para ele. não quero dizer mais nada porque o pássaro ciranda e tem uma cor clara. despeço-me. sorrio. num mundo de expedientes

criar sem destinos

é uma bênção